



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Sermões', de Padre António Vieira]

Anabela Galhardo Couto

Para citar este documento / To cite this document:

Anabela Galhardo Couto, "[Recensão crítica a 'Sermões', de Padre António Vieira]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 195-196.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# Recensões críticas

## LITERATURA PORTUGUESA

---

### EDIÇÃO CRÍTICA

#### Padre António Vieira SERMÕES

Edição crítica de Arnaldo Espírito Santo,  
Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel e  
Ana Paula Banza  
2 vols.  
Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda /  
2008/2010

Saúda-se a edição crítica — a primeira — dessa obra monumental da literatura luso-brasileira que são os Sermões do Padre António Vieira. Com a chancela da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, saiu em 2008 o tomo I e em 2010 o tomo II de uma edição projectada para 16 volumes (aos 15 volumes de sermões acresce um de análise). Trata-se de um projecto do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, coordenado por Arnaldo Espírito Santo, em que colaboram Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel e Ana Paula Banza, tendo sido seu consultor científico Aníbal Pinto de Castro. A edição traz, pois, a caução de autoridades firmadas na matéria dos estudos vieirinos.

A edição crítica dos dois primeiros volumes dos *Sermões* toma por base a *editio princeps* supervisionada por Vieira — o primeiro tomo impresso em 1679 por João da Costa e o segundo em 1682 por Miguel Deslandes — a partir da comparação exaustiva dos vários exemplares de cada volume provenientes das várias edições seiscentistas. Trata-se de uma edição depurada dos erros que desfiguraram o texto ao longo da tradição textual, apresentada numa lição moderna.

Os critérios ecdóticos seguidos assentam no princípio de actualização de grafias, excepto nos casos em que está em causa uma realização fonética diferente da que era praticada na época. Desta forma se oferece a «autenticidade do sabor da linguagem de Vieira», ao mesmo tempo que se permite a fruição do texto a um leitor dos nossos dias.

No que respeita ao sistema de pontuação, os editores optaram pela conservação da pontuação original. A vivacidade da prosa vieirina reside não apenas na agudeza dos argumentos e na intensidade das imagens que mobiliza, na força da palavra e seu encadeamento, mas também no ritmo que, enquanto autor e actor do sermão, o Jesuíta lhe imprime, mediante a inspirada distribuição de cadências, pausas, silêncios. Mantendo-se o sistema

de pontuação original, muito diferente do actual, é certo, mas que se harmoniza com o ritmo oratório do texto e induz o leitor ao compasso «certo», preserva-se no texto a voz, essa «voz que clama no deserto», pese embora as reticências de Vieira, que, na nota ao leitor, com a ironia que frequentemente caracteriza estes paratextos, desde logo alude à diferença irremediável que separa a escrita, assimilada à morte, da oralidade, assimilada à vida: «começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres» (p. 5). Dessa flama própria da oralidade, que os escritos de Vieira genialmente conservam dá conta Fr. João da Madre de Deus, numa das Licenças de Aprovação do tomo II, quando diz: «Ordinariamente os sermões lidos, são menos agradáveis, do que ouvidos [...]. Porém neste papel estão tão animadas as palavras, e tão viva a eloquência, que lhe dá tanta vida a pena, como lhe tinha dado a boca» (p. 4).

Para além do habitual aparato de crítica textual, útil ao estudioso da língua, um conjunto precioso de notas de contextualização histórica, literária, teológica, filológica e exegética, a cargo de uma equipa de especialistas, constitui, por si só, factor atractivo desta edição. Ali, são dispensadas informações relativas ao local onde os sermões foram proferidos e ao momento histórico em que se situam; estabelece-se a relação intertextual com as fontes clássicas, bíblicas, patrísticas, ou outras que o sermão mobiliza; elucidam-se os pressupostos filosóficos e teológicos do pensamento de Vieira; evidenciam-se os procedimentos estético-literários de certas passagens particularmente impressivas e sugestivas, permitindo apreciar com mais rigor e inteireza aquilo a que Bernardo Soares/Fernando Pessoa chamou a «fria perfeição de engenharia sintáctica» da prosa vieirina. No final de cada um dos volumes, o

*Léxicon* familiariza o leitor moderno com termos que caíram em desuso ou cujo significado se alterou substancialmente.

Graças a estas características, a presente edição proporciona ao leitor não apenas uma leitura aprofundada dos sermões e das suas implicações, mas também a magnífica possibilidade de desfrutar do texto na sua plenitude de sentido e perfeição formal. Efectivamente, a riqueza dos sermões está não só no plano teológico, mas também na variedade de assuntos e na universalidade de situações que exploram, na riqueza humana que protagonizam, na erudição que mobilizam e no domínio majestoso da prosa. Superados alguns obstáculos — vocábulos desconhecidos, metáforas pouco acessíveis, ligações não discerníveis —, o leitor contemporâneo poderá deleitar-se com aquele «movimento hierático da nossa clara língua majestosa» e o investigador dedicar-se à exploração do universo de Vieira, a partir de bases sólidas.

A lógica e o fio condutor que presidiram à organização dos tomos, tal como Vieira a concebeu, e que a presente edição respeita, não corresponde à habitual ordenação cronológica ou temática. Trata-se, sim, de uma ordenação de índole autobiográfica, conforme o próprio autor sugere na Dedicatória do tomo I, ao fundar na errância e diversidade do seu trajecto de vida a aparente desordem na sucessão dos sermões: «tão diferentes na matéria, e lugares, em que foram recitados, como foi vária, e perpétua a peregrinação de minha vida» (p. 3). Também na nota ao leitor, com a assertividade que se lhe conhece, o Jesuíta se demarca das práticas em uso nos sermonários: «Os que de **presente** tens nas mãos (e mais ainda os seguintes) serão todos diversos, e não continuados, esperando tu porventura, que saísse com os que chamas Quaresmais, Santorais, e Mariais inteiros, como se usa. Mas o meu intento não é fa-